

## A EDUCAÇÃO COMO REPRODUTORA DA DESIGUALDADE SOCIAL

*Education as a reproducer of social inequality*

Fátima Gilda Ferreira Almeida de Sousa<sup>1</sup>  
Palloma Valéria Macedo de Miranda<sup>2</sup>  
Bernardino de Sousa Coelho Filho<sup>3</sup>  
Bruna Gabrielly Guedes Dias<sup>4</sup>  
Anna Karyna Sousa Andrad<sup>5</sup>  
Raniele da Silva Resend<sup>6</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como principal objetivo analisar e discutir questões acerca de como a educação muitas vezes acaba por contribuir para o aumento das desigualdades sociais. Desse modo, através dessa análise pretende-se ainda destacar as contribuições e críticas do pensamento de Pierre Félix Bourdieu, Paul- Michel Foucault e Karl Marx sobre os problemas sociais que permeiam a sociedade desde o século XIX até os dias atuais e muitas vezes são fortalecidos pelos sistemas educacionais.

**Palavras-chave:** Educação, desigualdade, Bourdieu, Foucault, Karl Marx.

**Abstract:** This research has as main objective to analyze and discuss questions about how education often ends up contributing to the increase of social inequalities. Thus, through this analysis it is also intended to highlight the contributions and criticisms of the thinking of Pierre Félix Bourdieu and Paul-Michel Foucault on the social problems that permeate society from the 19th century to the present day and are often strengthened by educational systems.

**Keywords:** Education, inequality, Bourdieu, Foucault.

### Introdução

Este estudo trata de uma análise realizada em escolas de Educação Média e pré-vestibulares no Município de Teresina, Piauí. O objetivo geral desta pesquisa é analisar a meritocracia educacional e o acesso à educação como reflexo da desigualdade social, e os objetivos específicos seriam determinar o papel da educação como meio de inserção social; abordar o perfil dos estudantes da rede pública e privada de duas escolas na cidade de Teresina – PI e por fim, verificar o porquê de a educação ser um precursor de desigualdade social entre jovens em idade escolar na cidade de Teresina – PI. A pesquisa busca mostrar por meio de observações e questionários aplicados à professores e estudantes, entre 16 e 20 anos, de ambos os sexos (masculino e feminino) de escolas das redes públicas e privadas, e com o auxílio teórico das perspectivas de Pierre Bourdieu as falhas presentes nas práticas educativas dos dias atuais. Através desta pesquisa pretende-se analisar as contribuições e críticas do pensamento de Bourdieu, em relação aos problemas e conflitos gerados por meio da educação e que passam despercebidos pela sociedade desde o século XIX até os dias atuais.

Todavia, é possível notar que alguns dos pensamentos desse teórico estão interligados de forma implícita com os estudos de Marx e Foucault, ambos são críticos dos sistemas educacionais, e base fundamental para diagnosticar e compreender as falhas educativas nos dias atuais, propondo assim, abordagens inovadoras na busca pela resolução das problemáticas existentes na educação.

O método de pesquisa utilizado é o qualitativo, apoiando-se em técnicas de coleta de dados, também quantitativas. De acordo com Neves (1996, p.01), a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos. Ela serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos. O estudo foi desenvolvido apartir

<sup>1</sup> Graduanda de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: adv.fatimalmeida@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: pallomavaleria10@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduando de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: bernardinocoelho@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: brunaguedias@gmail.com

<sup>5</sup> Graduanda de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: ankandrade@gmail.com

<sup>6</sup> Graduanda de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail: nicleresende@outlook.com

de: Pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo – feita com questionários formulados com questões fechadas e abertas, de natureza exploratória. A técnica quantitativa, que envolveu matemática e estatística, permitiu mensurar e testar as hipóteses.

A aplicação dos questionários aconteceu em duas escolas de ensino médio da cidade de Teresina – PI, sendo uma pública e outra particular, através de uma abordagem presencial, de 18 de junho de 2018. Os respondentes foram escolhidos de forma aleatória, mas respeitando as delimitações geográficas, ou seja, colégio particular e colégio público. A pesquisa é composta por questões exploratórias, foi aplicada em uma amostra de alunos.

### **O reflexo da desigualdade social presente na educação**

Hoje são evidentes a continuidade de sociedades profundamente marcadas por desigualdades sociais, injustiças - que atravessam questões de ordem econômica, cultural, social, política, etc. – e que atingem a vida dos indivíduos, principalmente no âmbito da educação.

O tratamento de tal questão leva a determinadas indagações: A introdução da pedagogia histórico-crítica no sistema educacional realmente permite a autonomia do indivíduo? Se a resposta é positiva, como esclarecer, então, o fato de estudantes continuarem reproduzindo a lógica do sistema capitalista? Se a resposta for negativa, quais os motivos para tal?

De acordo com Rodrigues (2001), Bourdieu afirmava que mesmo os agentes sociais que pensam estar livres de determinações sociais, são movidos por forças que estimulam a ação. Para Bourdieu, as ações é o processo através do qual se reproduzem as estruturas sociais. Neste sentido, o que é interessante para Pierre Bourdieu na análise sobre os sistemas educacionais são as estruturas, negando possibilidades de rompimento com os padrões de reprodução e afirmando que as teorias pedagógicas tendem a ocultar o poder de tal característica do sistema escolar.

Ainda, segundo Rodrigues (2001), no livro “A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino” ocorreu um refinamento das ideias anteriores, sendo que a tese central da obra é que todo o sistema educacional é uma violência simbólica na medida em que impõe, por um poder arbitrário, um determinado arbitrário cultural. Segundo Saviani (2008) o percurso da educação está ligado ao conceito de modo de produção, os modos de produção pelos quais percorreu a história vai transformar os modos de educação. Considera a escola como sistema de interesses corporativos e clientelista e não mais um espaço para atender aos interesses da população.

A educação escolar está ligada a um saber sistematizado de acordo com Saviani (2008). É através da educação que se forma outra natureza, uma “segunda natureza” no aluno, elementos necessários para a formação da “humanidade em cada indivíduo”. A sociologia da educação, na visão de Bourdieu, possibilitaria elementos para a apreensão do papel da instituição escolar na dinâmica de reprodução do capital cultural, da manutenção ou alteração das relações, tanto de força quanto simbólicas, existentes entre as classes.

Para Vasconcellos (2002) outra noção importante elaborada por Pierre Bourdieu para a compreensão da relação entre o saber escolar e forma como os indivíduos percebem a sociedade e suas relações é a de violência simbólica. Tal noção procura demonstrar o mecanismo que permite que os indivíduos tomem como naturais, as representações e ideias dominantes.

Como trabalhar as diferenciações sociais e culturais que permeiam o ambiente escolar? Não dá para negar as diversidades dentro da escola: são várias pessoas diferentes tratadas como iguais, que tem a mesma bagagem de conhecimento, parte-se do princípio de que os símbolos exigidos pela instituição escolar sejam conhecidos portodos.

A igualdade formal de oportunidades, a qual se pauta a prática pedagógica, máscara e justifica a indiferença em

relação às desigualdades reais acerca do ensino e da cultura exigida. A “tradição pedagógica só se dirige, por trás das ideias inquestionáveis de igualdade e de universalidade, aos educandos que estão no caso particular de deter uma herança cultural, de acordo com as exigências culturais da escola” (BOURDIEU, 1989, p. 10). As práticas pedagógicas excluem as questões sobre os meios mais eficazes de transmissão dos conhecimentos a todos as habilidades exigidas de todos, transmitidas pelas classes sociais de forma desigual e tendem a desvalorizar como “escolares” as práticas destinadas a tais fins.

A violência simbólica pensada por Bourdieu, de acordo com Vasconcellos (2002), é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes, apoiando-se no exercício da autoridade. A transmissão da cultura escolar realizada pela escola através de seus conteúdos, programas, métodos de trabalho, critérios de avaliação, suas relações pedagógicas e práticas linguísticas, são próprias da classe dominante, exercida sobre os alunos de classes populares.

Rodrigues (2001) aponta que o arbitrário cultural através do qual se manifesta a violência simbólica é a concepção cultural dos grupos dominantes imposta para toda a sociedade por meio do sistema de ensino. Tal imposição não se manifesta em sua forma completa e a pedagogia não se realiza enquanto pedagogia na medida em que se limita à inculcação de valores e normas.

Com isso, Rodrigues (2001) sustenta que de acordo com Bourdieu, conforme o educando interioriza os princípios culturais impostos pelas instituições de ensino, ele adquire um *habitus*. Na medida em que o arbitrário cultural a ser imposto é incorporado ao *habitus* do professor, tem-se, no trabalho pedagógico, a reprodução das mesmas condições sociais que originaram os valores impostos pelos grupos dominantes. Para o autor (1989) é necessário atribuir a tal mito uma função de crítica, já que eles convergem no desvendamento acerca da ausência de relações entre os ideais democráticos e a realidade social.

Neste sentido, Bourdieu (1989) pergunta-se se a melhor forma de demonstrar até onde a realidade social de um determinado grupo “democrático” está de acordo com seus ideais. Observa a necessidade de reconhecer à extrema “rigidez” de uma sociedade que permite o monopólio da utilização da instituição escolar pelas as classes sociais mais favorecidas.

De início, Bourdieu tem uma visão otimista com relação a educação, vendo-a como mediadora de superação aos atrasos socioeconômicos, o que fortalecia a ideia de educação equitativa para todos. Porém, surgem por volta da década de 1950, pesquisas que explicitam deficiências presentes no processo educativo, como também, o sentimento de frustração presente nos estudantes que não veem retorno de seus certificados.

Diante de tal realidade, Bourdieu propõe um novo modo de interpretação da educação e instituição escolar: apontando o desempenho que se tem na escola como resultado da origem social do indivíduo.

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, por fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 1998, p. 41)

De acordo com NOGUEIRA (2002, p. 17), onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria do sociólogo, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. (NOGUEIRA, 2002, p. 17). Há então a quebra do paradigma funcionalista educacional antes estabelecido e agora questionado perante o fator de socialização individual, que muito influencia na percepção e modo de agir de cada um.

Nas relações familiares, nas formas de convivência social como grupos de amigos e vizinhança, associações comunitárias e religiosas, bem como nos sistemas escolares ocorrem as relações sociais que se combinam de diferentes maneiras para a preparação dos membros da sociedade em que estão inseridas, contribuindo assim para a existência dessa sociedade ao longo do tempo. (PRAXEDES 2015, p. 14)

Bourdieu denomina tal preparação, como processo de construção do *habitus*, que diz respeito a interiorização das estruturas objetivas das classes ou grupos sociais, sistematiza um conjunto de saberes construídos ao longo da história da filosofia e das ciências sociais, saberes esses serão usados como fonte orientadora no modo de agir cotidiano. À medida em que o indivíduo contribui para a formação das estruturas sociais, tais estruturas passam a interferir em sua vida, muitas das vezes por incorporação inconsciente, perceptível nas diferentes maneiras de agir de acordo com o meio ao qual o indivíduo está inserido.

Assim, e conforme afirma Rodrigues (1989), para tal questão não existe saída. O sistema de ensino acaba filtrando e selecionando os alunos sem que eles percebam e acabam reproduzindo as relações vigentes. Não existem possibilidades de mudanças.

Se em Bourdieu, o sistema pedagógico é de extrema importância para a manutenção da ordem social vigente e a consequente reprodução de desigualdades, para Michel Foucault, este atua na formação de indivíduos recipientes e domesticados. A estrutura conflitante para o primeiro se dá entre classes, enquanto para o segundo envolve a anatomia política do detalhe, das micro- organizações e realidades.

[...] Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. J.- B. de La Salle imaginava uma classe onde a distribuição espacial pudesse realizar ao mesmo tempo toda uma série de distinções: segundo o nível de avanço dos alunos, segundo o valor de cada um, segundo seu temperamento melhor ou pior, segundo sua maior ou menor aplicação, segundo sua limpeza, e segundo a fortuna dos pais. Então, a sala de aula formaria um grande quadro único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente “classificador” do professor. (FOUCAULT, 1987. s.p.)

As teorias de Michel Foucault versam no paradigma chamado pós estruturalista. Filósofo francês, organizou estudos sobre os mais diversos setores e campos da vida social e coletiva, perpassando desde a ideia de micro poder (estudos da fase genealógica) até o mais íntimo dos seres (estudos dos quais se encontram a História da Sexualidade).

Vendo a história como uma descontinuidade, acreditava que o sujeito era o produto dos discursos que permeavam um determinado regime histórico. Suas teorias sobre a educação estão inseridas mesmo que indiretamente, nos estudos que envolvem as relações de saber e poder e processos disciplinadores dos sujeitos sociais.

Assim, a partir de pesquisas meramente bibliográficas, pensaremos essas teorias enquadradas ao papel do educador e educandos na contemporaneidade; porém, não podemos deixar de identificar nestas perspectivas nuances de abordagens marxistas, particularmente na concepção de sujeito, do ser homem e indivíduo e da dominação (simbólica) investida de conflito de classe. Será que o professor vai insistir na sua ferrenha disciplinarização ou a cobrar do aluno aquilo que está longe de sua realidade? Ou será ele que continuará a fazer exclamações fatalistas como as do tipo: Ah, os alunos de hoje são assim mesmo! E com isso não acreditar em uma mudança? Indagamos, com a esperança de que essa situação um dia se reescreva.

Se para Foucault, o “sistema” está urdido no indivíduo por meio da disciplina, em Bourdieu são os discursos e interesses das classes dominantes que invadem esse ser através das estruturas, fazendo-o reproduzir a

ordem vigente, mas não disciplinando-o no sentido foucaultiano do termo.

Bourdieu traçou uma síntese entre as ideias durkheimianas de que o ser está submetido as estruturas, e o estruturalismo. Segundo ele (1998 *apud* Busetto, 2006), a escola está inserida no processo de legitimação e reprodução das desigualdades sociais, neste momento se aproxima das ideias marxianas, e só pode ser explicada e compreendida tendo por base as relações entre as classes.

O conceito de campo é aqui entendido como um conjunto de domínios que indispensam a presença de um **habitus**, que é o conjunto de práticas que permitem os indivíduos se orientarem em seu lugar social, institucional, conduzindo-os nos mais variados ambientes acionários. É o **habitus** que condiciona o agente a “fazer o que se tem a fazer” de acordo com o meio/domínio a que se está inserido. Por isso, a definição de Bourdieu (1990 *apud* Busetto, 2006, p. 121): “O sujeito não é o ego instantâneo de uma espécie de cogito singular, mas um traço individual de toda uma história coletiva”.

Com base em estudos antropológicos, tendemos a ver a nós e a nossa cultura como a mais certa ou legítima, no caso da escola, a cultura tida como indissolúvel é a da classe dominante que se impõe arbitrariamente, o que representa a força dessa classe dominante em um campo conflituoso, de disputa. Um arbitrário cultural é imposto – os valores, afeições e percepções dos grupos dirigentes – a toda a sociedade por meio do sistema pedagógico, que acaba por gerir a violência simbólica. O que levou Bourdieu a concluir que os alunos não competem em condições igualitárias dentro do ambiente escolar.

A escola impõe que o sujeito se enquadre em seus valores, sutilmente privilegiando os que já são privilegiados de berço, pois o capital cultural viria como consequência da acumulação do capital econômico e social. A cultura escolar aplicada a um discente proveniente de classes sociais privilegiadas seria apenas um apêndice de sua cultura familiar, cotidiana. Diferentemente, ocorre para os que cresceram em meio a uma realidade distinta e excludente.

A parte mais importante e mais ativa (escolarmente) da herança cultural, quer se trate da cultura livre ou da língua, transmite-se de maneira osmótica, mesmo na falta de qualquer esforço metódico e de qualquer ação manifesta, o que contribui para reforçar, nos membros de classe culta, a convicção de que eles devem aos seus dons esses conhecimentos, essas aptidões e essas atitudes, que desse modo, não lhes parecem resultar de uma aprendizagem. (BOURDIEU, 1998, p. 46)

A escola inviabiliza os “inferiores”, pois é um espaço de exclusão, imobilização e de garantia da permanência dominativa. Supõe-se que os sucessos e aptidões adquiridas pela dissidência privilegiada não são frutos de uma sociabilidade conjunta, mas de inteligência e talento natural. Ao que parece que as classes dominadas creem na ideia grotesca do dom! Com a imposição de uma cultura arbitrária, erudita, única, o aluno vindo de uma classe desprestigiada tenta se adaptar aos códigos escolares, tarefa hercúlea que termina neste sendo simbolicamente violentado.

Karl Marx (1818-1883) vê a sociedade como um todo composto de várias partes, como a economia, a política e as ideias (a cultura). Mas, para ele, a economia seria a base de toda a organização social e as explicações para os fenômenos sociais viriam do aprofundamento da análise econômica. Marx pensou de forma crítica sobre o Estado, que de alguma forma legitimaria a apropriação por uma minoria dos meios de produção, com o objetivo de explorar a força de trabalho do proletariado, classe que para Marx seria a classe revolucionária. Mas, para tanto, a classe operária deveria conhecer a si mesma em termos teóricos, ao mesmo tempo em que implementaria uma prática social que seria reflexo dessas escolhas conscientes. Parte da premissa de que é em torno da produção que a sociedade se organiza, sendo o homem o sujeito de sua própria história, a partir do trabalho e das atividades criativas que desenvolve. É pelo trabalho, segundo Marx, que o homem se constrói e é em torno da produção que

toda a sociedade se organiza as condições de trabalho são determinantes. Entretanto, para que a transformação se realize, a partir da atuação do proletariado, é preciso que a prática seja orientada pela teoria. Daí a importância da sociologia para Marx.

De acordo com Costa (2005, p. 125), [...] Para Marx, a sociedade é constituída de relações de conflito e é de sua dinâmica que surge a mudança social. Fenômenos como luta, contradição, revolução e exploração são constituintes dos diversos momentos históricos e não disfunções sociais. A noção de classe social é fundamental na análise que Marx faz dos problemas oriundos, a seu ver, da nova ordem instaurada pelo capitalismo, pautada, segundo ele, na exploração da força de trabalho (classe dominante – a burguesia – sobre classe dominada – o proletariado). Para ele, a mudança social estaria relacionada com a luta de classes e os estudos sociológicos deveriam ter como objetivo a transformação social, que só aconteceria a partir da destruição do capitalismo e sua substituição pelo socialismo.

O materialismo-dialético propõe exatamente que sempre se procure perceber que de um embate, de um conflito, sempre surge alguma coisa nova e diferente daquelas que o originaram. A maneira como as forças produtivas e as relações de trabalho estão organizadas é o que mostraria como a sociedade se estrutura, uma vez que as forças produtivas compõem o que ele chamou de condições materiais de existência, constituindo-se nas mais importantes formas de relações humanas.

Diante de tudo isso, não é difícil imaginar como Marx via o processo educativo. Não acreditava na ideia de que a educação poderia ser a atividade que seria capaz de promover por si mesma a transformação que a sociedade necessitaria, segundo seu ponto de vista, [...] a atividade do educador era parte do sistema e, portanto, não podia encaminhar a superação efetiva do modo de produção entendido como um todo. O educador não deveria nunca ser visto como um sujeito capaz de se sobrepor à sua sociedade e capaz de encaminhar a revolução e a criação de um novo sistema. A atividade do educador tem seus limites, porém, é atividade humana, é práxis. É intervenção subjetiva na dinâmica pela qual a sociedade existe se transformando. Contribui, portanto, em certa medida, para o fazer-se da história.

A sociedade contemporânea tem características relacionadas às novas formas assumidas pelo trabalho alta competitividade e exigência de qualificação da mão de obra faz com que a educação se ajude a alcançar uma formação diferenciada e atualizada. A educação é uma despertar de talentos que podem contribuir para as atividades econômicas do país e para a mobilidade social. Não se questiona mais a educação ao se influenciada pelo aspecto econômico da sociedade, indivíduo terá um tipo de educação de acordo com a posição que ocupa na sociedade.

Na sociedade capitalista industrial urbana, a educação pode funcionar como via de ascensão social. Por meio da educação e boa formação escolar é possível mudar de posição na escala social (vertical ascendente), a posse de um diploma e conhecimento faz com que o indivíduo alcance outras posições no sistema de estratificação. As famílias mais pobres vêm na educação a oportunidade que seus filhos têm de “subir na vida”.

Para Marx a educação não seria agente de transformação social coletiva, aconteceria apenas para alguns indivíduos e não para a classe trabalhadora e a estrutural social não seria alterada a partir do sistema educacional. Um aspecto importante é que à medida que a competitividade aumenta a sociedade cobra de seus governos uma ação efetiva por uma educação de qualidade. A possibilidade de mobilidade ascendente fez com que a educação se tornasse uma reivindicação social.

Para se haver maior possibilidade de ascensão social para mais indivíduos é preciso haver boas escolas com ensino de qualidade voltado ao interesse do cidadão. Quando há um crescimento econômico a escola vira alvode políticas públicas voltas para a capacitação de mão de obra que o mercado exige.

## Desigualdade educacional na prática

Inicialmente Bourdieu tinha uma visão otimista da educação, ele a via de forma igual para todos, ou seja, todos tinham acesso à educação de qualidade, só que em meados do século XX pesquisas apontaram uma deficiência na estrutura educacional, fazendo com que Bourdieu diante de tal realidade tenha um novo modo de interpretação da educação e da instituição escolar, ele vê a educação como reflexo da desigualdade social.

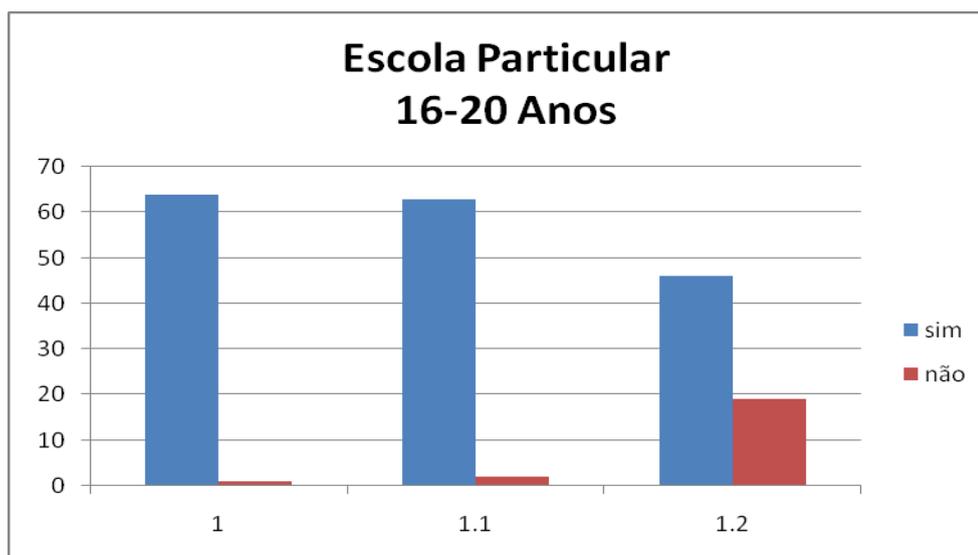
No final do século XX, no ano de 1998 foi criado o exame nacional de ensino médio (ENEM), como uma forma de avaliação dos alunos para auxiliar o ministério na elaboração de políticas pontuais e estruturais de melhoria do ensino brasileiro através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) do Ensino Médio e Fundamental, promovendo alterações nos mesmos conforme indicasse o cruzamento de dados e pesquisas nos resultados do Enem. Hoje o ENEM dá oportunidades aos alunos para ingressarem nas universidades públicas ou ganharem bolsas nas faculdades particulares.

Tendo em vista que essa prova apresenta uma certa dificuldade para todos os alunos, percebemos, que ainda sim as aprovações dos alunos que vem de escolas particulares são maiores do que os que vem de escolas públicas. Das cem escolas com as maiores notas, só três são públicas, todas elas da rede federal, o que evidencia a diferença existente entre o ensino público e o particular: nove em cada dez escolas públicas ficaram abaixo da média nacional.

Foi aplicado um questionário em uma escola pública e em uma escola particular, por meio dessa atividade percebemos as enormes diferenças entre as mesmas. Na escola pública em uma turma de 3º ano do ensino médio com cerca de 43 alunos a grande maioria pretende fazer o ENEM, contudo cerca de 53% dos alunos afirmaram estar passando por problemas psicológicos, sendo esses causados pela ansiedade, pelo medo e pela preocupação. Segundo nossas pesquisas 45% dos alunos começaram a ser incentivados a partir do ensino médio, 37,5% a partir do ensino fundamental e 17,5% foram primeiramente incentivados pela sua família. Dos alunos que afirmaram serem influenciados pelos pais na escolha de uma futura carreira profissional apenas 35% tiveram conflito com seus desejos pessoais, ou seja, não concordavam com as opiniões dos pais em relação ao seu futuro. Desses 43 alunos, 46% querem um retorno profissional imediato (terminar o ensino médio e procurar um emprego) e 38% querem a longo prazo (fazer algum curso antes de se integrar no mercado de trabalho).

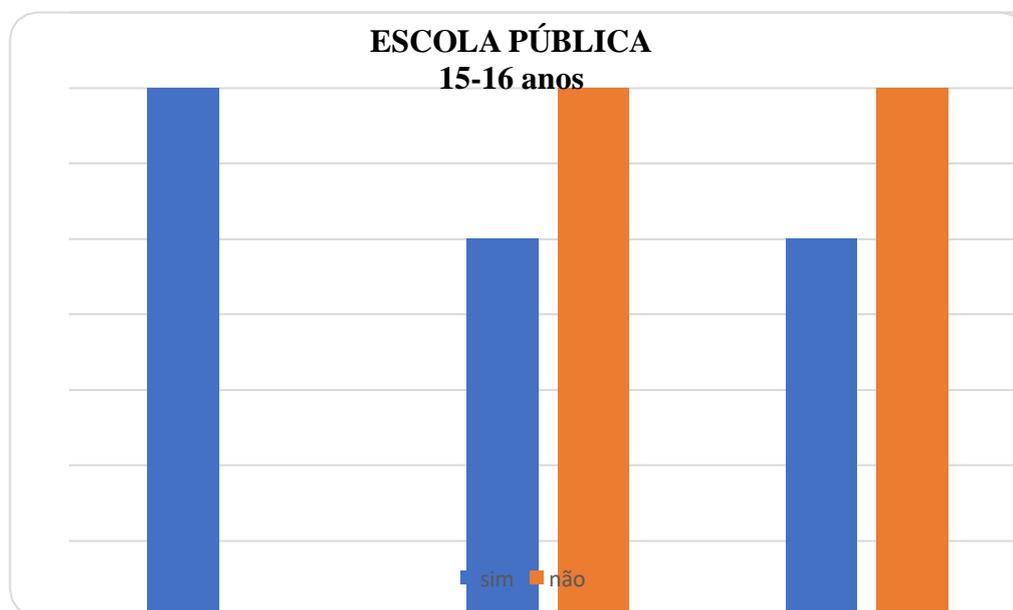
Na escola privada onde aplicamos também o questionário em uma turma de 3º ano com cerca de 65 alunos a maioria pretende fazer o ENEM (cerca de 99%). Desses 65 alunos 75% dizem sofrer algum tipo de pressão psicológica, devido a ansiedade, preocupação e o nervosismo. Assim como na escola pública a maioria dos alunos querem fazer o ENEM e já passaram ou passam por alguma pressão psicológica. Diferentemente da escola pública 75% dos alunos da escola particular afirmaram que receberam incentivo para fazer o ENEM desde o ensino fundamental, 6% desde o ensino médio e 16% recebeu incentivo da família. De acordo com nossas pesquisas 38 alunos dos 65 receberam influência da família na escolha da futura carreira profissional, onde 50% tiveram conflitos, suas escolhas não conciliavam com as da família e 50% não tiveram nenhum tipo de conflito. Outro fator nas pesquisas que diferenciam a escola pública e privada é na visão profissional, na escola particular cerca de 73% querem um resultado a longo prazo, 14% querem um resultado imediato e 10% ainda não sabem. Uma das teses centrais da sociologia da educação de Bourdieu é a de que os alunos não podem competir em condições igualitárias na escola, pois, trazem consigo uma bagagem social e cultural diferenciada. Para o autor, as desigualdades sociais e econômicas não podem ser superadas apenas por meio da educação, logo, garantir o acesso à escola não significa garantir o princípio da igualdade. A partir de tais ideias, pretende-se apresentar as principais contribuições de Bourdieu para a educação, levando em consideração a importância de repensar a capacidade da escola no processo de desenvolvimento da sociedade.

(GRÁFICO 01)



Fonte: Pesquisa de campo: Fátima Gilda Ferreira Almeida de Sousa, Palloma Valéria Macedo de Miranda, Bernardino de Sousa Coelho Filho, Bruna Gabrielly Guedes Dias, Anna Karina Sousa Andrade, Raniele da Silva Resende

(GRÁFICO 02)



Fonte: Pesquisa de campo: Fátima Gilda Ferreira Almeida de Sousa, Palloma Valéria Macedo de Miranda, Bernardino de Sousa Coelho Filho, Bruna Gabrielly Guedes Dias, Anna Karina Sousa Andrade, Raniele da Silva Resende.

### Considerações finais

Com todas essas questões que permeiam a escola, então, como pensar que a educação pode levar a mudanças, mesmo o professor seguindo as propostas da pedagogia histórico-crítica. Pois a escola ainda não se constituiu como um espaço democrático, para existir a democracia é necessária a participação de todos, mas diante da realidade prática, não existe a participação de todos, os alunos não são ouvidos, os professores estão em disputa pela quantidade de aula de suas disciplinas, etc.

Segundo Saviani a educação escolar é capaz de mudar as condições do sistema vigente, para Bourdieu as instituições escolares são reprodutoras do sistema vigente, então basta analisar a realidade e refletir em qual processo a escola está inserida. Incito-nos a questionar se diante de um Estado “representativo burguês, cuja laicidade é questionável”, qualquer tentativa de mudança apresenta-se como aplicável.

Em Foucault e Bourdieu a mesma sociedade que inclui uns excluem outros. No primeiro, os sujeitos mais aptos são os mais disciplinados, enquadrados no sistema de individualização e controle. No último, os provenientes das classes mais favorecidas que têm uma vivência e conhecimento compatíveis com os transferidos pela escola. Sendo assim, percebe-se sempre a abordagem da escola enquanto uma instituição conflitante e influenciadora na realidade social.

No estruturalismo neo durkheimiano de Pierre Bourdieu associado à influências de um marxismo clássico, a relação de dominação/sujeição entre os sujeitos nunca seria sanada. A camada dominante sempre encontrara mecanismos de manutenção da situação dominativa, o que leva-nos a imaginar um certo determinismo.

Em suma, é importante ressaltar que, a grosso modo, não é a educação que tem um caráter excludente e reprodutor das desigualdades, mas sim, o método educativo adotado. Não obstante, é notório que as críticas desses filósofos ainda são válidas nos dias atuais, na medida que os problemas destacados por estes ainda permeiam a educação. Desse modo, os estudos elaborados por estes podem vir a ajudar a pensar, analisar e discutir acerca do real papel da educação perante a sociedade, seu caráter transformador e buscar uma saída para determinados problemas, no intuito de melhorar, sobretudo, as práticas educativas.

Para Foucault a educação é um processo constante de mudança, não é algo pronto e acabado. Assim, também é para o Educador Paulo Freire onde um de seus conceitos mais significativos chama-se Dodescência, ou seja, significa que o professor tem a capacidade de ensinar e aprender com o aluno e o aluno com o professor, tendo em vista que o primeiro passo para a mudança na educação é outro dos termos usados por Freire que é a conscientização. Segundo Paulo Freire para acontecer a mudança o indivíduo tem que primeiro conscientizar-se de sua realidade, ou seja, sua história, suas condições, o lugar em que você está inserido, etc... não bastando somente a conscientização, o indivíduo tem que desenvolver a partir de sua conscientização uma ação transformadora onde o sujeito faz e refaz o mundo em que vive, esse fazer e refazer implica em ações sociais ou realiza uma ação cultural, essa ação transformadora deve estar presente sempre nas situações existentes do sujeito.

O método que o Educador apresenta para se chegar à conscientização é o Diálogo. Para Freire o diálogo impõe-se como um caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens. O diálogo é ainda, de acordo com o mesmo, um trabalho existencial que possibilita a ação do indivíduo. É exigido também o conceito de amorosidade onde ambos os indivíduos devem ter respeito mútuo, e é na amorosidade que os sujeitos se mostram como seres são provocados a se assumirem como sócio-históricos- culturais isso é possível a partir do ato de conhecer. Tudo isso para que o oprimido se reconheça como oprimido, ao perceber que em algum momento de sua vida ele não pode fazer nada, por ser considerado nada a sociedade e que a partir da conscientização e sua ação transformadora levou ao mundo sua experiência social proporcionando mudanças na vida de outros. Para frente a educação deve ser emancipadora, pois é a desigualdade que se opõe a igualdade, e não a diferença segundo ele.

Para o educador “Ninguém é superior a ninguém. (FREIRE,2017, p.119).

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. Educ. Rev., Belo Horizonte (10), dez, 1998.
- BUSETTO, Áureo. *A Sociologia de Pierre Bourdieu e sua análise sobre a escola*. In: Sociologia e Educação: leituras e interpretações. Alonso Bezerra de Carvalho; Wilton Carlos Lima da Silva (orgs.). São Paulo: Avercamp, 2006. p. 113- 133.
- DAMETTO, Jarbas. *Por uma leitura foucaultiana da educação*. Saber acadêmico – Revista Multidisciplinar da Uniesp, Presidente Prudente, nº 5, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista5/pdf/24.pdf>> Acesso em: 16 junho. 2018.
- DAMETTO, Jarbas; SOLIGO, Valdecir. *Sujeito e disciplinamento: contribuições de Michel Foucault para pensar a educação formal*. Travessias - Revista da Universidade Estadual Oeste do Vale do Paraná, Cascavel, vol.3, no 1, 2009. Disponível em: <[www.unioeste.br/travessias](http://www.unioeste.br/travessias) > Acesso em: 16 junho. 2018.
- FOUCAULT, Michel. Disciplina. In:\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 131-214.
- HEY, Ana Paula e Cantani, Afrânio Mendes, **Bourdieu e a Educação**, Revista Cult.
- MARTINS, Carlos Benedito. *A pluralidade dos mundos e das condutas sociais: a contribuição de Bourdieu para a sociologia da educação*. Em aberto. Brasília, ano 9, n. 46, abr/jun, 1990.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: primeira aproximação*. 10. Ed. rev., Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SAES, Décio Azevedo Marques de. *A ideologia doente em A reprodução de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron*. Educação & Linguagem. n. 16, jul-dez/2007, p 106-125.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>>acesso em 16<sup>de</sup> junho de 2018.
- VASCONCELLOS, Maria Drosila. *Pierre Bourdieu: a herança sociológica. Educação & Sociedade*, anoxxiii, n. 78, abril, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.